

O homem que escrevia sonhos

Lovecraft, cuja obra sofre processo de reavaliação, foi um segundo Allan Poe. Viveu na penúria, às vezes não tinha dinheiro para sair de casa. Não tolerava o frio, tinha alergia pelo mar, vivia doente. Fracassou no casamento e nas tentativas de escrever histórias "normais" para as revistas. Considerava-se um exilado dentro de sua própria terra. Suas histórias reproduzem seus sonhos. Através do sonho, conhecia Paris tão bem quanto um parisiense. O seu grande mérito consiste em ter conquistado para a imaginação imensos domínios nos quais ela jamais tinha se aventurado.

Por Jacques Bergier

O grande mérito de Lovecraft consiste em ter conquistado para a imaginação humana imensos domínios nos quais ela jamais se tinha aventurado. Seu pensamento penetrou tão longe quanto o pensamento humano pode alcançar em nossos dias. Ele criou um mito do qual ele próprio diz que "encerraria um significado para os cérebros compostos pelo gás das nebulosas espirais". Um mito que exprime a grandeza e o temor do cosmo não somente em uma escala humana, mas para toda a inteligência, mesmo se sua forma exterior não se assemelha à nossa. Pois toda inteligência, mesmo mais poderosa do que a nossa, deve sentir "o temor dos espaços infinitos", que paralisava Pascal. A ciência confirmou plenamente a existência dessas enormes extensões de tempo e espaço após a morte de Lovecraft. A radiatividade permitiu demonstrar que a vida

existe sobre a terra há mais ou menos três bilhões de anos.

As dimensões do universo acabam de dobrar, como consequência de experiências mais precisas. H. P. Robertson, na América do Norte, e Vorontzov-Veliaminov, na União Soviética, chegaram mesmo à conclusão de que o universo é infinito no espaço e no tempo e não finito e curvo como Einstein acreditava.

Deste universo talvez infinito os radiotelescópios recentemente inventados captam sinais que não parecem provir das estrelas que são talvez a manifestação de fenômenos naturais desconhecidos e que talvez emanem de inteligências que dispõem de meios de ação infinitamente superiores aos nossos. Nesse infinito de espaço e de tempo não existiriam atividades superiores à nossa atividade de micróbios, atividades essas que se colocam na escala do universo, tal como a



Lovecraft

ciência nos demonstra?

A reação a essa idéia de um universo vivo e rico não só de fatos naturais desconhecidos como de atividades vitais situadas além do raio de nossa imaginação varia evidentemente com a mentalidade de quem o encara.

Lovecraft respondeu por meio de um temor que ele conseguiu comunicar ao leitor através de uma maneira prodigiosa. Outras reações são evidentemente possíveis. A atitude de Lovecraft explica-se, pelo menos em parte, por sua psicologia pessoal.

Um doente bloqueado pela doença e pela pobreza

Quanto a Lovecraft (1890-1937), suas publicações até o momento não revelavam muita coisa a respeito do autor. *A Chave de Prata* é a única autobiografia espiritual de Lovecraft que chegou até nós. Ela nos faz seguir o caminho que conduz para fora de nosso universo, nos contornos do desconhecido. Este caminho percorre, até certo ponto, a rota da ciência. Por outro lado ele se separa nitidamente do ocultismo. A respeito deste assunto Lovecraft exprime um julgamento severo: "A estupidez crassa, o julgamento falso e a rigidez de espírito não são substitutos para o sonho".

Esse caminho, que penetra fundo no desconhecido tanto quanto é possível ao espírito humano, só pode ser seguido pela imaginação, amparada por conhecimentos científicos e históricos profundos. Tal caminho está aberto para todo mundo, até mesmo para Lovecraft, o doente encarcerado na doença e na pobreza (o deportado que fui outrora também percebeu que esse caminho de evasão existe, e que ele leva muito longe, muito além dos fios de arame farpado de

um campo de concentração).

Esse caminho existirá sempre. Mesmo se um dia o homem desenvolver a astronave ou máquinas ainda mais maravilhosas que viagem no tempo e nas dimensões, além de um ponto extremo atingido fisicamente estender-se-ão os domínios acessíveis unicamente ao espírito humano. Para poder seguir esse caminho Lovecraft havia começado por absorver uma grande parte do saber humano. Nunca me havia acontecido corresponder-me com um ser a tal ponto onisciente. Conhecia um número incalculável de idiomas, entre eles, quatro línguas africanas: damora, swahili, chulu e zani, bem como dialetos. Escrevia com idêntica erudição a respeito de matemática, as cosmogonias relativistas, a civilização asteca, Creta antiga e a química orgânica.

Absorvia o saber por uma espécie de osmose extraordinária. Quando lhe escrevi cumprimentando-o por ter descrito um bairro pouco conhecido de Paris em *A Música de Erich Zann* perguntei-lhe se já tinha visitado a capital francesa, ao que ele me respondeu: "Com Poe, em sonhos".

Em sua casa da rua Barnes n.º 10, em Providence (Rhode Island), havia viajado para todos os países descritos ou imaginados pelos homens. De todos esses países, era o século 18 norte-americano o seu preferido, por ele admiravelmente descrito no início de seu romance *O Caso Charles Dexter Ward*. Ele se encontrava perfeitamente à vontade naquele século e devia sonhar com uma máquina que o transportasse até lá, através do tempo. "O combate contra o tempo", escreveu um dia, "é o único assunto que importa a um romance". Marcel Proust não o teria desmentido.

Não era com grande frequência que Love-

craft saía de sua casa de Barnes Street. A pobreza o impedia. A pobreza e também uma certa hostilidade que as coisas lhe manifestavam. Ele não tolerava o frio, mesmo que não fosse muito rigoroso, e o menor contato com o mar ou com objetos originários do mar tornava-o doente. Ele, portanto, se locomoveu muito pouco. Uma viagem ao Sul dos Estados Unidos, uma estada em Nova York e algumas excursões na região de Boston foram suas únicas andanças conhecidas.

Ele desforrou-se viajando para muito longe na imaginação e no sonho. Os sonhos de Lovecraft eram de uma precisão extraordinária. Algumas de suas novelas nada mais são do que a transcrição deles. Enviou-me freqüentemente narrativas detalhadas. Tais narrativas eram extraordinárias, pela força da imaginação e a coerência dos detalhes. Conhecia profundamente a obra de Sigmund Freud mas pouco acreditava nela. Com efeito, a psicanálise teria dificuldades em explicar construções tão coerentes quanto o romance *No Abismo do Tempo*. De resto, o caso de Lovecraft não é único. Lovecraft reafirmou a importância dos sonhos em uma novela intitulada *Além do Muro do Sono*. As viagens imaginárias, que no início eram apenas uma evasão, tornaram-se rapidamente a parte essencial de sua vida. Porém, mesmo nos sonhos ele conservava os traços essenciais de seu caráter: o rigor científico da lógica. Raramente conheci um materialista mais convicto ou um amador que melhor compreendesse a matemática. Em circunstâncias diversas ele teria se tornado um físico extremamente brilhante. Uma vez mais a pobreza e a doença levantaram barreiras a seu gênio. Parece inconcebível que em um país como os Estados Unidos, onde

se ganha tão facilmente dinheiro, um homem da cultura de Lovecraft não tenha jamais conseguido receber mais de 15 dólares por semana. Um lavador de pratos em um restaurante ganhava na época 60 ou 70 dólares, realizando um trabalho menos penoso que o de Lovecraft, o qual levava mais de 10 horas por dia colocando em bom inglês as novelas e romances destinados às revistas norte-americanas. Mais de uma vez seus amigos tentaram fazê-lo ganhar um pouco mais encorajando-o a escrever suas narrativas, cuja trama é com frequência muito simples. As revistas norte-americanas da época eram muito especializadas (a televisão e a preferência pelas histórias em quadrinhos ainda não tinham surgido). Havia revistas dedicadas a histórias de *cowboys*, de amor, policiais, de bombeiros, do Pólo Norte e a histórias da floresta, etc. Lovecraft foi obrigado a passar por todos esses gêneros. Os editores devolviam suas narrativas. Tratava-se de obras que pareciam ter sido escritas por um marciano. Em um inglês perfeito o autor revelava sua ignorância relativa aos detalhes mais normais da vida cotidiana. Ele não sabia o que era um homem, uma mulher, o dinheiro, o metrô, um cavalo e ignorava até mesmo as realidades mais fundamentais da vida norte-americana: a situação (*job*), a posição (*standing*), a necessidade do conforto e do progresso material. Às cartas estupefatas dos editores dava a seguinte resposta: "Peço desculpas, mas a pobreza, a tristeza e o exílio fizeram com que tudo isso saísse de minha cabeça". Exílio: eis a palavra chave. Lovecraft sempre se comportou como um estrangeiro, um ser vindo de muito longe. De tempos em tempos surgem seres desse gênero. Kafka, que, ao que parece, não conheceu Lovecraft,

foi talvez um outro exemplo.

Vivendo entre nós como um exilado, seria inútil pedir-lhe que apreciasse nossos valores. Seu casamento naturalmente foi um fracasso e as tentativas de "lançá-lo" foram todas fadadas ao insucesso. Nenhuma história da literatura norte-americana, nenhum dicionário de literatura, nenhum *Who's who* mencionaram seu nome.

O único realismo digno da grandeza do universo

Ele, no entanto, acreditava na importância do realismo fantástico. "Este ramo da literatura", escrevia, "foi cultivado por grandes escritores, como Lord Dunsany, e por fracassados como eu. Ele constitui o único realismo verdadeiro, a única tomada de posição do homem frente ao universo". Sempre tive a impressão de que ele teria falado mais se o pudor e o temor do ridículo não o tivessem impedido. Ele, aliás, era muito reservado em relação aos seres humanos. A única forma de vida neste planeta que merecia sua confiança era o gato. Em sua casa sempre havia muitos e conseguia estabelecer com eles a comunicação secreta que os amigos dos gatos tão bem conhecem. Ter-se-ia ele atemorizado com as visões que evocava? Não acredito. Ele simplesmente escolheu o terror como assunto de seu relato, como meio de nos fazer compreender a imensidão do universo e das forças que nele se movem. ❀